

PREÇOS BAIXOS PRESSIONAM GERAÇÃO DE RENDA NO AGRONEGÓCIO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), registrou nova retração mensal. As quedas de -0,72% em novembro e de -4,00% no acumulado de 2017 refletem a deterioração da renda gerada no setor, apesar do excepcional incremento produtivo expresso na safra recorde.

Como pode ser visto na Tabela 1, essa retração no PIB do agronegócio resulta de um desempenho adverso generalizado dos segmentos que o compõe. Os resultados do PIB de novembro e no acumulado do ano foram, respectivamente: agrosserviços (-0,60% e -4,64%), insumos (-0,18% e -4,58%), agroindústria (-0,10% e -4,09%) e segmento primário ou “dentro da porteira” (-1,73% e -2,70%). Como será demonstrado ao longo do presente relatório, essa retração na renda gera-

da da atividade reflete a forte queda de preços domésticos de diversos produtos agropecuários em um contexto de expansão de oferta, preços internacionalmente baixos e apreciação cambial.

Apesar do desempenho adverso, a tabela 1 revela ainda que o segmento primário apresentou a menor retração acumulada no ano e seu desempenho foi o único a suavizar a retração observada no PIB do agronegócio como um todo.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação mensal e acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Agronegócio
nov/17	-0,18	-1,73	-0,10	-0,60	-0,72
Acumulado (jan-nov/2017)	-4,58	-2,70	-4,09	-4,64	-4,00

Fonte: Cepea/USP e CNA.

As Tabelas 2 e 3 apresentam os resultados mensais e acumulado do período desagregados por ramo (agrícola e pecuário). No ramo agrícola, assim como se observou na análise agregada do agronegócio, todos os segmentos apresentaram queda de janeiro a novembro de 2017. Em novembro apenas o segmento de insumos

apresentou alta, de 0,20% com relação a outubro (Tabela 2).

O segmento primário, ou “dentro da porteira”, apresentou a menor queda no acumulado até novembro, fato decorrente da elevada produção estimada para 2017 (aumento de 13,99% frente a 2016, na

média ponderada dos produtos acompanhados). Esse aumento na oferta minimizou o impacto adverso da forte retração real de preços (de -14,68%, na comparação de janeiro a novembro de 2017 frente ao mesmo período de 2016) no desempenho do segmento.

Tabela 2. Ramo Agrícola: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Agronegócio
nov/17	0,20	-2,22	-0,10	-0,79	-0,87
Acumulado (jan-nov/2017)	-3,42	-2,97	-4,41	-5,72	-4,55

Fonte: Cepea/USP e CNA.

No ramo pecuário, também se verifica redução, tanto no acumulado de janeiro a no-

vembro quanto na avaliação mensal, para todos os segmentos (Tabela 3). Assim como

no ramo agrícola, os preços exerceram pressão significativa sobre os resultados.

Tabela 3. Ramo Pecuário: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
nov/17	-0,90	-0,79	-0,08	-0,22	-0,39
Acumulado (jan-nov/2017)	-6,71	-2,18	-2,95	-2,47	-2,71

Fonte: Cepea/USP e CNA.

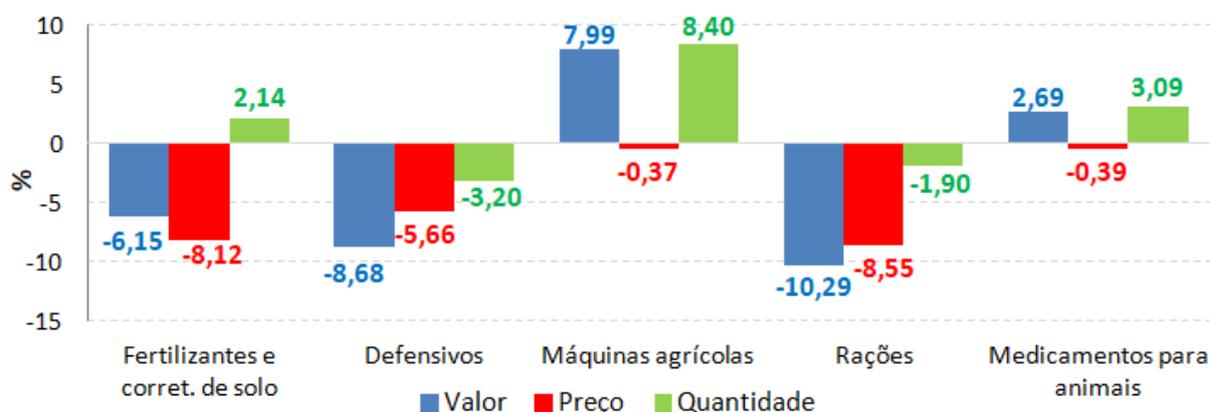
SEGMENTO DE INSUMOS: Atividade de máquinas agrícolas segue com alta produção

O segmento de insumos do agronegócio recuou -4,58% até novembro de 2017, e, entre outubro e novembro, a baixa foi de -0,18%. Deste modo, a projeção de desempenho para todo o ano de 2017, comparativamente a 2016, segue nega-

tiva, em 4,99%. Dentre as indústrias do segmento de insumos acompanhadas, projeta-se crescimento no faturamento para máquinas agrícolas (+7,99%) e medicamentos para animais (+2,69%), com queda nas demais. A Figura 1 apresenta

a variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea para a evolução do PIB.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços até novembro/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, Anda e Sindicatos).

Conforme dados apresentados na Figura 1, a produção da indústria de máquinas agrícolas segue em alta na análise anual (+8,40%). Verifica-se que tal resultado foi impulsionado pela grande safra no campo, destacando-se a recuperação da confiança dos produtores, o que incentivou investimentos. A Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) também ressalta que as exportações de máquinas agrícolas, em alta ao longo de 2017, também impulsionaram a atividade no período. Porém, agentes do setor ligados à in-

dústria de máquinas agrícolas destacam que o bom desempenho observado em 2017 ainda pode ser avaliado como um movimento de recuperação do mercado frente às perdas verificadas nos últimos anos, fato que justifica a não elevação dos preços com relação ao ano passado, conforme já destacado em relatórios anteriores.

Já na indústria de fertilizantes, apesar do aumento de 2,14% na produção, o resultado do faturamento tem sido pressionado por cotações mais baixas, com queda

de -8,12%, em média, na comparação de janeiro a novembro de 2017 contra o mesmo período de 2016. De acordo com pesquisadores da equipe Custos Agrícolas/Cepea, a pressão nos preços reais dos principais fertilizantes neste período esteve atrelada, principalmente, à valorização do real frente ao dólar com relação ao mesmo período de 2016 e à grande oferta de fosfatados e potássicos no mercado internacional, conforme já destacado em relatórios anteriores.

¹Os resultados estimados mensais e do acumulado estão na Tabela 1. Já a projeção para 2017 está na Figura 5 do Anexo I.

SEGMENTO PRIMÁRIO: Safra recorde no campo é destaque no segmento

A renda do segmento primário do agronegócio apresentou resultado negativo entre outubro e novembro (-1,73%), seguindo a tendência verificada desde junho, e acumulando baixa de -2,70% de janeiro a novembro de 2017. Em novembro, tanto no ramo agrícola como no pecuário, os segmentos primários registraram recuos no mês, de -2,22% e -0,79%, respectivamente. No acumulado de janeiro a novembro, estimam-se quedas de -2,97% e -2,18% na mesma ordem (Tabelas 2 e 3). Para 2017 com relação a 2016, a expectativa é de recuo de -2,94% para o segmento primário do agronegócio, com baixa de -3,23% para a agricultura e -2,38% para a pecuária. Estes resultados estão associados ao comportamento de preços no período,

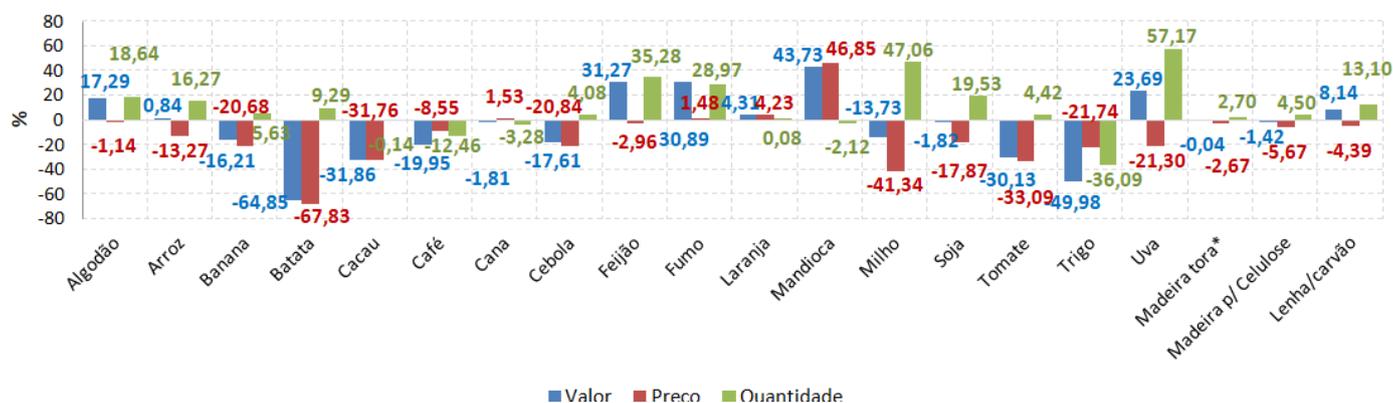
à previsão de volumes de produção e a faturamentos das culturas agrícolas e atividades pecuárias em 2017, conforme Figuras 2 e 3 e Tabela 4 (que serão apresentadas a seguir).

Como já ressaltado em relatórios anteriores, o PIB do segmento primário agrícola tem apresentado forte crescimento de produção em 2017, estimado em 13,99% na média das atividades acompanhadas em 2017. Por outro lado, os preços agrícolas seguem em direção oposta, apresentando retração significativa e pressionando negativamente o resultado do PIB ao longo do ano. Na comparação entre janeiro a novembro de 2017 e o mesmo período do ano anterior, a baixa real nos preços médios

do segmento foi de -14,68%. De forma similar, para o segmento primário da pecuária, os menores preços (-7,76%, em média) pressionaram os resultados, enquanto que, para a produção, estima-se crescimento de 3,09% no ano.

Dentre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do faturamento em 2017 para: algodão, arroz, feijão, fumo em folha, laranja, mandioca, uva e lenha e carvão. Já as culturas para as quais se espera queda no faturamento são: banana, batata, cacau, café, cana-de-açúcar, cebola, milho, soja, tomate, trigo, madeira em tora e madeira para celulose – Figura 2 e Tabela 4.

Figura 2. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de jan a nov/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udup).

² Para as projeções anuais do segmento primário, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de jan a nov/2017

	Algodão em pluma	Arroz em casca	Banana	Batata	Cacau	Café beneficiado	Cana-de-açúcar	Cebola	Feijão	Fumo em folha
Valor	17,29	0,84	-16,21	-64,85	-31,86	-19,95	-1,81	-17,61	31,27	30,89
Preço	-1,14	-13,27	-20,68	-67,83	-31,76	-8,55	1,53	-20,84	-2,96	1,48
Quantidade	18,64	16,27	5,63	9,29	-0,14	-12,46	-3,28	4,08	35,28	28,97
	Laranja	Mandioca (raiz)	Milho	Soja	Tomate	Trigo em grão	Uva	Madeira tóra (exc. Cel.)	Madeira tora - Celulose	Lenha e carvão
Valor	4,31	43,73	-13,73	-1,82	-30,13	-49,98	23,69	-0,04	-1,42	8,14
Preço	4,23	46,85	-41,34	-17,87	-33,09	-21,74	-21,30	-2,67	-5,67	-4,39
Quantidade	0,08	-2,12	47,06	19,53	4,42	-36,09	57,17	2,70	4,50	13,10

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udop).

Dentre as culturas que apresentam crescimento, destaca-se a cultura do algodão, cuja elevação anual esperada do faturamento reflete o aumento na quantidade produzida, em 18,64%, tendo em vista que os preços reais recuaram -1,14% na comparação de janeiro a novembro de 2017, frente ao mesmo período de 2016. De acordo com a Conab, o crescimento em produção advém do aumento de 11,9% de área plantada com relação à safra do ano anterior no país, além de condições climáticas favoráveis à produção da cultura. Já com relação a preços, a equipe Algodão/Cepea destaca que a maior disponibilidade do produto ao longo de 2017 exerceu pressão sobre as cotações, mas que as exportações firmes ajustaram, em parte, a oferta e a demanda no mercado doméstico, enfraquecendo tal movimento. Especificamente para o mês de novembro, a equipe destaca que as aquisições do produto foram feitas em pequenos volumes, devido à posição firme dos vendedores, mas grande parte das indústrias pressionaram por menores preços, o que ocasionou oscilações nas cotações ao longo do mês.

Para o feijão, o aumento no faturamento anual também é reflexo da elevação significativa da produção estimada no ano (35,28%), já que os preços apresentam queda de -2,96% na comparação entre períodos. De acordo com informações da Conab, os preços seguem em baixa, pouco atrativos aos produtores, devido à grande quantidade produzida com relação à safra passada e à

demanda enfraquecida.

Já no caso da mandioca, o aumento do faturamento esperado para o ano foi garantido pelo aumento nos preços, de 46,85% na comparação entre o acumulado de janeiro a novembro de 2017 e o mesmo período de 2016, enquanto para a produção anual é estimada queda (-2,12%). Segundo a equipe Mandioca/Cepea, os preços seguiram em alta em novembro, dado que a finalização da colheita foi parcialmente prejudicada pelas chuvas. Porém, a equipe ressalta que a alta de preços de novembro foi limitada pela disponibilidade de produto no mercado e pela maior oferta para as fecculárias, dado o maior interesse dos produtores na comercialização, em virtude do preço elevado.

Dentre as culturas para as quais registra-se redução do faturamento, tem-se o café, cuja queda avaliada é resultado da baixa na produção anual (-12,46%), bem como nos preços (-8,55%, na comparação de janeiro a novembro de 2017 com o mesmo período de 2016). Para este contexto, destaca-se que 2017 foi ano de bialidade negativa na maioria dos estados produtores, com recuos significativos principalmente na produção da variedade arábica – segundo a Conab, em Minas Gerais, principal estado produtor, a quantidade produzida para a variedade chegou a recuar -20,4% com relação à safra anterior. Já para preços, a equipe Café/Cepea destaca que, apesar da baixa acumulada ao longo do ano, motivada principalmente pelos preços externos,

em novembro registrou-se relativa estabilidade, dadas as incertezas relacionadas à próxima safra e às condições climáticas esperadas para os próximos meses.

Para a cultura da cana-de-açúcar, a redução no faturamento advém da queda na produção anual (3,28%), enquanto houve um aumento real dos preços (1,53%) na comparação entre períodos. De acordo com dados da Conab, na região Sudeste, maior produtora nacional, a área colhida foi inferior à da safra anterior em virtude da redução de área disponível para a colheita, cenário que se repete em todas as regiões brasileira, com exceção do Centro-Oeste. No entanto, a Companhia destaca que, apesar da menor produção, avalia-se uma maior produtividade média da cultura com relação à safra passada.

Para o trigo, a queda no faturamento esperado anual atrela-se à queda na quantidade produzida, estimada em -36,09%, bem como à baixa de -21,74% nos preços, na comparação entre períodos. De acordo com a Conab, em 2017 foram observados problemas climáticos que prejudicaram a colheita do trigo, resultando em perda de produtividade da cultura e queda de qualidade do produto em algumas regiões.

No caso da soja, a expectativa de queda do faturamento ocorre via menores preços (-17,87%), em contraposição ao aumento registrado na expectativa anual da produção (19,53%). Para a equipe Grãos/Cepea, em novembro, a liquidez

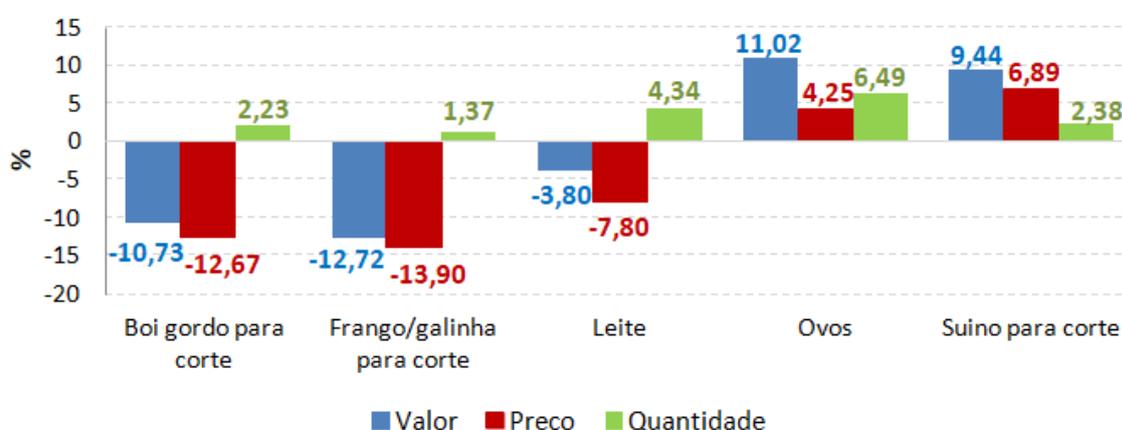
no mercado de soja foi limitada pela maior divergência entre os preços dos vendedores e compradores na aquisição do produto, dado a safra norte-americana e a boa expectativa da produção brasileira. Já para a produção, segundo a Conab, além das boas condições climáticas, a agilidade na comercialização da oleaginosa têm estimulado os produtores a apostarem na cultura.

Quanto ao milho, o menor faturamento esperado justifica-se pela forte queda dos preços (-41,34%) no acumulado de janeiro a novembro de 2017, em relação ao mesmo período de 2016. Já na produção, a estimativa foi de alto crescimento de 47,06% para o ano. Segundo a equipe Grãos/Cepea, exerceu influência na queda de preços, além da alta na produção, o mercado exportador, frente a maior

oferta do milho norte-americano no mercado internacional.

Para o segmento primário da pecuária, dentre as atividades acompanhadas, verifica-se alta no faturamento para suínos e ovos, mas baixa para leite, bovinos e frango para corte, conforme Figura 3.

Figura 3. Variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas



Fonte: Cepea/USP e CNA.

Na atividade leiteira, os preços recuaram -7,80% na comparação entre períodos, enquanto a produção apresenta expectativa de crescimento de 4,34% para o ano. Segundo a equipe Leite/Cepea, o consumo enfraquecido no mercado interno, com o menor poder de compra do brasileiro (queda da demanda), e aumento da produção influenciada pela queda nos preços dos insumos e boas condições climáticas (aumento da oferta), acarretou na queda observada nos preços do produto e seus derivados.

Para a bovinocultura de corte, a queda esperada no faturamento anual é reflexo da redução nos preços reais (-12,67%), já que a produção apresenta crescimento esperado para o ano (2,23%). Segun-

do a equipe Boi/Cepea, os operadores estiveram retraídos no mercado em novembro, diminuindo o ritmo de comercialização do boi. A equipe também mencionou que o aumento nas exportações de carne e a baixa oferta de animais no mercado interno tendem a elevar o preço da arroba para os próximos meses.

Na suinocultura, registra-se alta de 6,89% dos preços na comparação entre janeiro a novembro de 2017 e de 2016. Para a produção, estima-se elevação de 2,38% no ano. Segundo a equipe Suínos/Cepea, o mercado continuou estável em novembro. Do lado da demanda, frigoríficos e indústrias optaram por adiar um pouco mais a intensificação das compras de lotes para a formação de estoques de

final de ano. Do lado da oferta, o volume disponível também esteve menor, sustentando os preços do suíno vivo em muitas regiões e impedindo quedas mais intensas em outras.

Com relação à avicultura de corte, os preços apresentaram queda de -13,90% na comparação entre períodos e, para a quantidade produzida, estima-se aumento de 1,37%. De acordo com a equipe Frango/Cepea, enquanto a demanda doméstica apresentava-se aquecida no mês de novembro, a demanda externa se enfraquecia, sendo observado no mercado a tendência de redirecionamento ao mercado interno de produtos que seriam destinados ao exterior, pressionando as cotações no mês.

SEGMENTO INDUSTRIAL: PIB agroindustrial segue em baixa em novembro

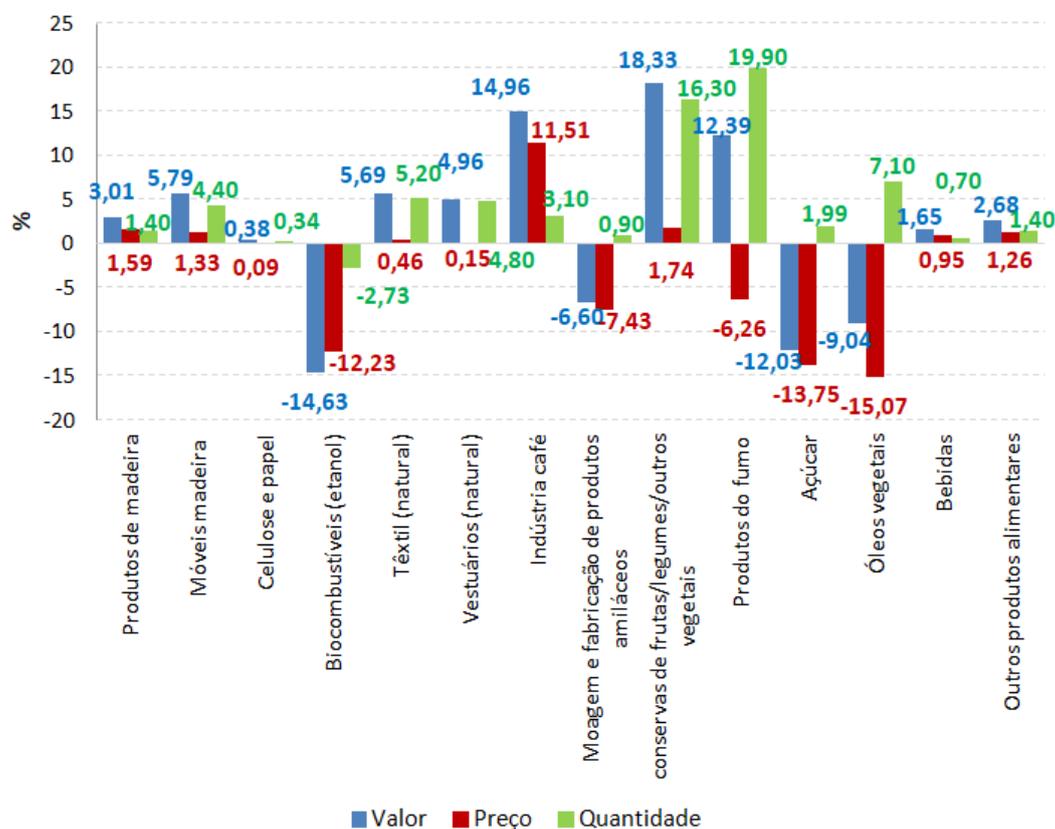
O segmento industrial voltou a apresentar retração em novembro (-0,10%). Dessa forma, no acumulado do ano, o resultado segue negativo (-4,09%, conforme Tabela 1). Tanto a indústria de base agrícola quanto pecuária apresentaram quedas no mês, de -0,10% e -0,08%, respectivamente. No acumulado de janeiro a novembro, os resultados também foram de baixa para ambos os ramos (Tabelas 2 e 3). A projeção anual permanece, portanto, negativa para a agroindústria total (-4,45%), bem como para as de bases agrícola (-4,80%) e pecuária (-3,21%).

O faturamento da indústria agrícola recuou -2,08% na comparação entre períodos, o que reflete a baixa real de -4,76% nos preços médios do segmento. Para a produção, estimou-se alta de 2,81% (para a média das indústrias acompanhadas). No caso da indústria de base animal, o recuo de -4,50% no faturamento decorre de preços -5,80% menores e do recuo de -1,38% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola que tiveram destaque com crescimento do faturamento foram: con-

servas de frutas e outros, café, fumo, móveis de madeira e produtos de madeira, têxteis e vestuário (de base natural), bebidas, celulose e papel e outros produtos alimentares. No que tange às demais indústrias acompanhadas, foi verificado recuo no faturamento, em especial no setor sucroenergético, com quedas de -14,63% (biocombustíveis) e 12,03% (açúcar). O comportamento das indústrias agrícolas analisadas com dados até novembro/2017 é apresentado na Figura 4.

Figura 4. Agroindústrias de base agrícola: variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias agrícolas acompanhadas



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

Entre as indústrias para as quais se estima baixa em 2017, aponta-se novamente a de biocombustíveis (etanol). Neste mercado, a expectativa anual da produção é de recuo em -2,73%, além de preços -12,23% menores em comparação com o mesmo período do ano passado. Apesar da maior destinação de ATR para as destilarias nos últimos meses da safra, a queda apontada pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) de -6,94% no montante de cana processado pelas unidades entre outubro e novembro de 2017 contribuiu para o recuo na produção do biocombustível. Ainda, segundo a entidade, o nível de moagem das usinas foi influenciado pelo elevado volume de chuvas observado no mês, bem como pelo encerramento da safra em 147 usinas e destilarias do país. No que se refere aos preços, a equipe Etanol/Cepea destaca que mesmo com as consecutivas altas da cotação da gasolina no mercado interno, o preço médio real do etanol na safra de 2017 ainda seguiu inferior ao mesmo período da safra passada, em termos reais.

Já para a indústria açucareira, o desempenho negativo no faturamento anual se deve à queda nos preços (-13,75%), visto que houve projeção de crescimento da produção, em 1,99% para o ano. De acordo com a Conab, a retração de preços no mês de novembro foi observada especialmente no mercado varejista, onde o preço do adoçante recuou em todas as capitais. Cabe destacar que no

ano de 2016 os preços do açúcar estavam em patamar bastante elevado, devido ao déficit do produto no mercado internacional. Portanto, a queda verificada neste ano para o produto também corresponde à um reequilíbrio das cotações na atividade.

Para a agroindústria de óleos vegetais, o resultado negativo no faturamento (-9,04%) se deu em virtude de uma queda registrada nos preços no período (-15,07%), já que foi estimada elevação da produção anual (7,10%). De acordo com levantamento realizado pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), a crescente produção de óleo de soja ao longo dos meses de 2017 contribuiu para a elevação significativa nos estoques do produto e, como consequência, gerando impacto sobre os preços dos óleos vegetais.

Com relação às indústrias pecuárias, os dados são apresentados na Tabela 5. Do mesmo modo que nos dois últimos relatórios, é possível observar que, para todas as indústrias acompanhadas, a variação estimada do faturamento é negativa.

Na indústria do abate, a baixa no faturamento anual (-3,84%) é resultado da redução nos preços (-5,75%) na comparação entre janeiro a novembro de 2017 e o mesmo período de 2016. Quanto à produção, a expectativa foi de elevação, em 2,01%. Segundo a equipe Boi/Cepea, apesar da baixa acumulada de janeiro a

novembro, o volume de exportação de carne bovina registrado em novembro, aliado à baixa disponibilidade de animais no mercado doméstico, contribuiu para uma recuperação dos preços internos no mês. No que se refere ao mercado de suínos, a realidade observada no mês de outubro se manteve em novembro. Segundo pesquisadores do Cepea, apesar do adiamento de compras por parte dos frigoríficos, a menor oferta de animais no período impediu quedas mais bruscas no preço de mercado. No caso da carne de aves, segundo a equipe Aves/Cepea, o movimento de demanda interna pelo produto contribuiu para a elevação do preço do frango resfriado entre outubro e novembro de 2017, contudo, o arrefecimento da procura externa gerou um aumento na oferta de frango congelado, de modo a pressionar os preços para baixo.

Para a indústria de lácteos, a estimativa para a quantidade produzida em 2017 se reverteu, apresentando um aumento esperado de 0,10%, frente a uma expectativa de queda indicada no relatório anterior. Para os preços reais, a queda registrada foi de -7,04% na comparação entre períodos. Segundo a equipe Leite/Cepea, a demanda enfraquecida por leite e derivados tem resultado em aumento de estoques e maior competitividade entre as indústrias para manter as negociações, configurando um cenário de redução na cotação do produto.

Tabela 5. Variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-2,55	-3,84	-6,95
Preço	-2,32	-5,75	-7,04
Quantidade	-0,41	2,01	0,10

Fonte: Cepea/USP e CNA.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: reflexo do desempenho dos outros segmentos a montante, serviços se mantêm em queda

Como observado na Tabela 1, os agrosserviços também recuaram em novembro (-0,60%), confirmando a retração acumulada nos onze meses de 2017 (-4,64%) e refletindo as baixas avaliadas nos demais

segmentos do agronegócio. Esse resultado relaciona-se tanto ao ramo pecuário, no qual o PIB dos agrosserviços recuou -2,47% no período, quanto ao agrícola, em que teve queda de -5,72%. Para o ano, pro-

jeta-se retração de -5,05% para os agrosserviços, sendo -6,22% no ramo agrícola e -2,69% no pecuário. Estes resultados acompanham as quedas verificadas principalmente nas atividades agroindustriais.

CONCLUSÕES

Os resultados do presente relatório – cujas informações pautam-se em dados disponíveis até novembro de 2017 – reforçam o quadro de retração de renda que tem se consolidado à medida que tornam-se disponíveis os dados do PIB do agronegócio do segundo semestre de 2017.

Tal retração tem como elemento principal a pressão baixista dos preços médios dos produtos do agronegócio. Esta, por sua vez, deriva da junção de, basicamente, três elementos: oferta recorde de produtos agropecuários, preços interna-

cionais baixos, e apreciação real da taxa de câmbio.

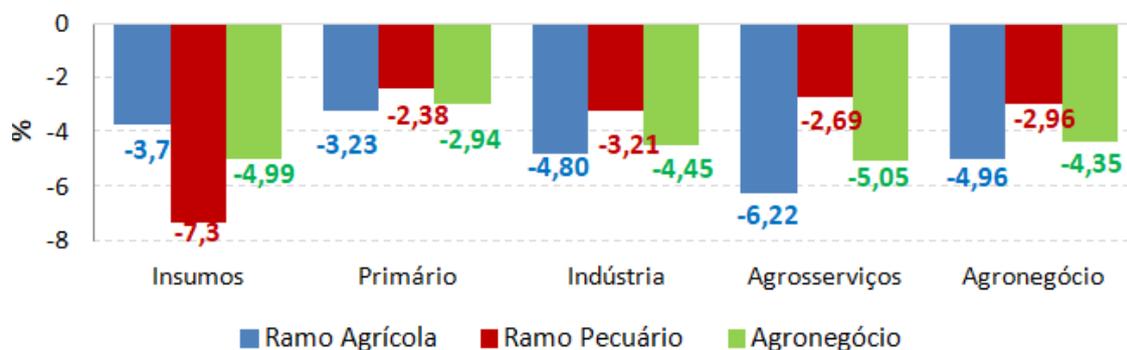
Como referido nos relatórios anteriores, a elevada produção agropecuária que marcou o ano de 2017 tem se refletido em retração, e não ampliação, de renda para os agentes envolvidos no agronegócio. Embora tal retração tem sido generalizada entre os diferentes segmentos que compõem o agronegócio, cabe destacar que o desempenho “dentro da porteira” é o menos adverso dado que a queda generalizada dos preços dos produtos agropecuários foi, ao menos em

parte, amenizada pela forte expansão da oferta.

Dados do PIB-volume do agronegócio, calculado pelo critério de preços constantes, reforçam as evidências de que a retração na renda gerada no agronegócio remete, basicamente, aos preços praticados já que o resultado do PIB-volume (+7,19%) revela significativa expansão da produção: aumento de 0,91% no PIB-volume de insumos, 17,12% no segmento primário ou “dentro da porteira”, 2,38% na agroindústria e 5,31% nos agrosserviços. Ver Tabela A4 – Anexo I.

ANEXO I – PROJEÇÕES ANUAIS, TABELAS DE DADOS E METODOLOGIA

A1) FIGURA 5. TAXAS (%) DE CRESCIMENTO DO PIB DO AGRONEGÓCIO 2017/16 (DADOS DE JANEIRO A NOVEMBRO)



Fonte: Cepea/USP e CNA.

³ Para a projeção anual do segmento de agrosserviços, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL, ACUMULADO DO PERÍODO E ANUAL (EM %)

AGRONEGÓCIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,42	1,50	-0,38	0,01	0,31
fev/17	-0,24	1,58	-1,11	-0,61	-0,14
mar/17	0,47	1,13	-0,61	-0,28	0,03
abr/17	-0,41	0,27	-0,38	-0,14	-0,13
mai/17	-0,53	0,26	0,22	0,28	0,20
jun/17	-1,81	-0,64	-0,60	-0,81	-0,77
jul/17	-0,24	-1,11	-0,11	-0,46	-0,54
ago/17	-0,94	-1,13	-0,30	-0,53	-0,65
set/17	-1,04	-1,47	-0,68	-1,02	-1,04
out/17	-0,16	-1,32	-0,10	-0,57	-0,61
nov/17	-0,18	-1,73	-0,10	-0,60	-0,72
Acumulado (jan-nov)	-4,58	-2,70	-4,09	-4,64	-4,00
Varição Anual	-4,99	-2,94	-4,45	-5,05	-4,35

RAMO AGRÍCOLA

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,36	2,04	-0,42	0,09	0,44
fev/17	-0,27	2,31	-1,14	-0,46	0,07
mar/17	-0,25	1,74	-0,71	-0,26	0,11
abr/17	-0,69	0,63	-0,41	-0,18	-0,10
mai/17	-0,76	0,09	0,07	-0,03	-0,04
jun/17	-1,07	-1,18	-0,51	-0,86	-0,88
jul/17	0,13	-1,37	-0,14	-0,64	-0,66
ago/17	-0,69	-1,21	-0,39	-0,82	-0,79
set/17	-0,73	-2,04	-0,70	-1,26	-1,26
out/17	0,32	-1,66	-0,03	-0,66	-0,67
nov/17	0,20	-2,22	-0,10	-0,79	-0,87
Acumulado (jan-nov)	-3,42	-2,97	-4,41	-5,72	-4,55
Varição Anual	-3,73	-3,23	-4,80	-6,22	-4,96

RAMO PECUÁRIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,54	0,35	-0,25	-0,17	0,00
fev/17	-0,17	0,01	-0,99	-0,94	-0,63
mar/17	1,74	-0,18	-0,30	-0,33	-0,17
abr/17	0,08	-0,42	-0,26	-0,04	-0,19
mai/17	-0,12	0,75	0,73	0,89	0,76
jun/17	-3,06	0,58	-0,92	-0,70	-0,51
jul/17	-0,91	-0,57	0,01	-0,10	-0,25
ago/17	-1,38	-0,94	0,01	0,04	-0,32
set/17	-1,61	-0,32	-0,62	-0,52	-0,54
out/17	-1,06	-0,67	-0,32	-0,40	-0,49
nov/17	-0,90	-0,79	-0,08	-0,22	-0,39
Acumulado (jan-nov)	-6,71	-2,18	-2,95	-2,47	-2,71
Varição Anual	-7,29	-2,38	-3,21	-2,69	-2,96

A3) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,29	0,27	0,40	1,00
fev/17	0,05	0,29	0,26	0,40	1,00
mar/17	0,05	0,29	0,26	0,40	1,00
abr/17	0,05	0,28	0,27	0,40	1,00
mai/17	0,05	0,28	0,27	0,41	1,00
jun/17	0,04	0,27	0,28	0,41	1,00
jul/17	0,04	0,27	0,28	0,41	1,00
ago/17	0,04	0,26	0,28	0,41	1,00
set/17	0,04	0,26	0,28	0,41	1,00
out/17	0,05	0,25	0,29	0,41	1,00
nov/17	0,05	0,25	0,29	0,41	1,00

RAMO AGRÍCOLA

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,04	0,28	0,29	0,38	1,00
fev/17	0,04	0,29	0,29	0,38	1,00
mar/17	0,04	0,29	0,29	0,38	1,00
abr/17	0,04	0,28	0,29	0,38	1,00
mai/17	0,04	0,27	0,30	0,39	1,00
jun/17	0,04	0,26	0,31	0,39	1,00
jul/17	0,04	0,26	0,31	0,39	1,00
ago/17	0,04	0,25	0,32	0,39	1,00
set/17	0,04	0,25	0,32	0,39	1,00
out/17	0,04	0,24	0,32	0,39	1,00
nov/17	0,04	0,24	0,32	0,39	1,00

RAMO PECUÁRIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,06	0,29	0,20	0,45	1,00
fev/17	0,06	0,30	0,20	0,44	1,00
mar/17	0,06	0,29	0,20	0,44	1,00
abr/17	0,06	0,29	0,21	0,45	1,00
mai/17	0,06	0,29	0,21	0,45	1,00
jun/17	0,05	0,29	0,21	0,45	1,00
jul/17	0,05	0,29	0,21	0,45	1,00
ago/17	0,05	0,28	0,21	0,46	1,00
set/17	0,05	0,28	0,21	0,46	1,00
out/17	0,05	0,28	0,21	0,46	1,00
nov/17	0,05	0,28	0,21	0,46	1,00

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A4) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio

	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	0,91	17,12	2,38	5,31	7,19
Ramo Agrícola	1,81	23,52	2,70	7,02	9,26
Ramo Pecuário	-0,75	4,79	1,28	1,87	2,42

Fonte: Cepea/USP e CNA.

Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A5) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O

agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse con-

junto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17

refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores

principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (equivalente ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.

- **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete

a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de

safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer altera-

ção dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao que se refere a meses e anos passados. Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado. Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resultados dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc.)

Boletim PIB é elaborado pela Coordenação do Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP).



Compromisso com o Brasil



Responsáveis técnicos:
Bruno Barcelos Lucchi/ Renato Conchon/
Paulo André Camuri

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA
DO BRASIL

SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Brasília/DF
(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br

Reprodução permitida desde que citada a fonte